MILSTEN, Diana *et al.* 2011. *Encuentros etnográficos com niñ@s y adolescentes: Entre tiempos y espacios compartidos*. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores / IDES. 239 pp

Cassianne Campos
PPGAS, UnB

Encontros! Este é o fio condutor entre os textos que compõem a coletânea etnográfica *Encuentros etnográficos com niñas y adolescentes: Entre tiempos y espacios compartidos*, editada por Diana Milstein, Angeles Clemente, Maria Dantas-Whitney, Alba Lucy Guerrero e Michael Higgins. O livro surgiu de um encontro específico – o dos investigadores – entre pares que compartilham a "necessidade de abrir espaços para a expressão da diversidade da práxis social, educativa e etnográfica" (2011:13; tradução livre). É importante destacar que tal ação possibilitou esse conjunto de etnografias protagonizadas por crianças e adolescentes, trazendo uma grande contribuição para este campo de pesquisa.

Nesse sentido, ao ler o livro, entramos em contato com os diversos encontros entre os pesquisadores, as crianças e os adolescentes. Em algumas etnografias deparamo-nos com os encontros das crianças e dos adolescentes com os seus *outros cotidianos*, e que foram revelados por serem eles mesmos, em tais etnografias, os pesquisadores da realidade em que vivem. Pesquisadores defrontam-se com a realidade dessas crianças, que vivem em espaços específicos, com visões e entendimentos sobre o mundo ao seu redor, possibilitando refletir sobre diversas categorias que compõem as ciências sociais, como sexualidade, gênero, classe, rural, urbano.

Os encontros que permeiam este livro nos ajudam a compreender os diferentes contextos abordados, o que faz dele uma forte ferramenta para se pensar teórica e metodologicamente a antropologia com crianças e adolescentes. Ao entrarem em contato com esses interlocutores por meio da pesquisa etnográfica, os autores recorreram de maneira particular à perspectiva de Johannes Fabian sobre a etnografia, segundo a qual ela é pensada como um "produto da interação". Nesse sentido, a pesquisa etnográfica tem um caráter dialógico que possibilita legitimar a criança e o adolescente como agentes no espaço em que vivem. O processo de incorporar as narrativas das crianças e adolescentes à compreensão das categorias de entendimento social é o que faz dessa coletânea

Anuário Antropológico/2011-I, 2012: 307-311

uma ferramenta eficaz para a produção de conhecimento em torno das diversas categorias de análise antropológica – ou, de forma geral, das ciências sociais. Surge, a partir daí, o reconhecimento de que as crianças têm saberes produtivos que possibilitam ao adulto – pesquisador(a) – compreender o meio social em que as crianças estão inseridas.

Assim, podemos compreender que as experiências das crianças e dos adolescentes no mundo ao seu redor possibilitam reflexões que se edificam no processo de contato entre o saber formatado por estes e a carga teórica dos investigadores. Para tanto, é evidente nas etnografias apresentadas na referida coletânea o envolvimento dos investigadores com as crianças e os adolescentes em seus espaços e a busca dos primeiros para entender as situações vivenciadas pelos segundos em um espaço específico. Elas/eles estão em vários espaços: escola, casa, rua, campo de futebol, bairro, museu, assentamento e, para @s editor@s, "estas localidades estão ordenadas por uma série de práticas complexas em que os espaços necessários para viver são criados e a regulação, a repetição, a diferença e a improvisação são constâncias que dão sentido às atividades diárias de crianças e adolescentes" (2011:20; tradução livre).

A coletânea em foco está dividida em três seções.

Na primeira seção "Niñ@s, adolescentes y etnógraf@s se localizan", há dois textos em que os autores lidam com conceitos teóricos que fazem parte do cotidiano das crianças, ambos no contexto escolar. As crianças e os adolescentes propiciam aos pesquisadores pensarem as categorias de análise a partir da maneira como elas/eles vivenciam as nuances de seu cotidiano.

No primeiro capítulo, "Hablemos de agencia: apropriación y resistencia en las prácticas de lectoescritura de niñ@s y jóvenes", escrito por Victoria Purcell-Gates, Kristen H. Perry, Adriana Briseño e Catherine Mazak, surgem os conceitos de hegemonia e resistência através da agência de crianças e adolescentes no espaço de aprendizagem do inglês nos Estados Unidos e na Costa Rica. Nesse contexto, as crianças e os adolescentes lidam – resistindo de maneira manifesta ou encoberta – com o fato de se relacionarem com duas línguas e culturas diferentes.

No capítulo 2, "Gênero e sexualidade em la escuela: um estúdio etnográfico del recreo", de Ileana Wenetz e Marco Paulo Stigger, o recreio escolar é focalizado para que se perceba a compreensão das crianças e dos adolescentes sobre as construções de gênero e sexualidade. Nesse espaço aparentemente livre, os autores notam como as noções que os sujeitos têm de suas diferenças sexuais determinam a maneira de brincar, de se organizarem no local e até mesmo de como dançar ou não dançar ali.

Na segunda seção, "Las instituciones también tienen lo suyo", encontram--se mais três capítulos da coletânea. Aqui se nota claramente a forma particular como as instituições sociais se fazem presentes na vida das crianças e dos adolescentes, haja vista que elas/eles formulam compreensões de si e do mundo a partir das relações que se estabelecem no interior da escola e do museu, por exemplo.

O capítulo 3, "'Queremos enseñarles que hay otras maneras': los encuentros etnográficos y la enseñanza de inglês em uma escuela de Oaxaca", escrito por Ángeles Clemente, Maria Dantas-Whitney e Michael J. Higgins, apresenta o professor-pesquisador ensinando e investigando, pois, a partir do ensino da língua inglesa às crianças da cidade de Oaxaca, no México, os autores inferiram que os encontros linguísticos com o inglês podem ter mais significado do que apenas constituírem um processo de aprendizagem de outra língua.

No capítulo 4, "Representaciones de infância em niñ@s visitantes del Museo Nacional de Colombia", Olga Marcela Cruz Montalvo apresenta os processos de interação das crianças com as coleções expostas no museu. "Para as crianças, o museu pode ser um lugar onde há muitas coisas para ver e para fazer" (Montalvo, 2011:109; tradução livre). Nesse sentido, as crianças falam a respeito das suas interpretações sobre as obras do museu, evidenciando o seu entendimento das representações daquelas obras, principalmente as que retratam crianças.

No capítulo 5, "Interpelaciones a la escuela desde sexualidades diferentes: notas etnográficas con estudiantes secundarios", de Guadalupe Molina e Mónica Maria Maldonado, a escola aparece como um lugar onde sujeitos com histórias distintas se encontram e como um espaço de expressão dos adolescentes. As autoras apresentam o estudo de caso protagonizado por dois alunos do ensino médio que são gays e costumam ser interpelados constantemente nas relações sociais estabelecidas com os seus *outros*, o que possibilita reflexões sobre sexualidade e normatização.

Na terceira e última seção do livro, nomeada "Las Calles nos enseñan a tod@s", estão os quatro últimos capítulos. Neles podemos notar que, além de terem a rua – lugar público – como espaço de encontro, há também a intenção de deixar a feitura da pesquisa nas mãos das crianças e dos adolescentes. Há nestes capítulos a perspectiva das crianças e dos adolescentes que se tornam investigadores e analistas de sua realidade.

No capítulo 6, "El Rincón de los Niños: um abordaje etnográfico sobre l@s niñ@s y sus ensayos políticos", as autoras Antonádia Borges e Verônica Kaezer apresentam as crianças como membros juniores da equipe de investigação e, no decorrer desta, elas refletem sobre a organização política da cidade onde vivem:

Recanto das Emas, Distrito Federal. As autoras foram apenas os elos entre as crianças e a investigação da realidade social da qual fazem parte. Esses jovens pesquisadores refletiram sobre as desigualdades de seus cotidianos e sobre quem são social e politicamente, passando assim a sujeitos de investigação com compromisso reflexivo.

O capítulo 7, "Asentamiento, familia y escuela: sentidos de participación infantil producidos com uma niña del Movimiento de los Trabajadores Rurales sin Tierra", escrito por Regiane Sbroion de Carvalho e Ana Paula Soares da Silva, tem como foco analisar a perspectiva das crianças que residem na periferia urbana em um assentamento rural vinculado ao MST – Movimento dos Sem-Terra. Contudo, a direção desta perspectiva é dada através do olhar de uma criança que as autoras chamaram de Daniela, escolhida por causa da "força com que representa os processos sociais e culturais vividos pelas crianças" (Carvalho & Silva, 2011:170; tradução livre).

No capítulo 8, "Explorando las relaciones entre identidad y lugar construídas por niños y niñas em condición de desprazamiento em um contexto de marginalidad y violencia em Colombia", de Alba Lucy Guerrero, as crianças é que constroem as reflexões a partir das fotografias que elas mesmas fizeram do espaço em que vivem. Através dos relatos fotográficos realizados pelas crianças, a autora explora a relação entre identidade e espaço, "entendendo a primeira como uma construção social que ocorre nas interações diárias, e o segundo, como constitutivo da vida social" (Guerrero, 2011:194; tradução livre).

"Encuentros etnográficos com niñ@s. Campo e reflexividad", escrito por Diana Milstein, é o nono e último capítulo desta coletânea. Neste texto, as crianças participam da pesquisa como investigadoras e são evidenciadas como sujeitos sociais que refletem sobre suas experiências dentro do espaço social. Percebemos então as crianças problematizando categorias do seu cotidiano, *de dentro* e *de fora*, as quais possibilitam compreender como elas se localizam neste espaço em que vivem e como elas se pensam nele – espaço que é também construído por elas.

Assim, nesse conjunto de textos, o leitor se depara com perspectivas que vão se encaixando como peças de um grande quebra-cabeça, além de poder refletir sobre as variadas formas metodológicas de realizar pesquisas etnográficas com crianças e adolescentes. Aqui, o método propõe um inevitável encontro com o outro. Esses encontros etnográficos podem ocorrer através da observação das crianças em determinados espaços, de entrevistas e de estudos de casos. Contudo, pesquisar e compreender o mundo segundo o ponto de vista das crianças é um trabalho que exige do pesquisador, primeiro, pensar a criança como

sujeito ativo, como pessoa que possui experiências particulares e que, a partir delas, reflete; segundo, pensar o fazer da pesquisa e seus desafios metodológicos.

Em alguns textos o trabalho investigativo está propriamente nas mãos das crianças, e realizar uma pesquisa em que o pesquisado se torna pesquisador é um exercício antropológico ímpar. Colocar nas mãos das crianças e dos adolescentes ferramentas que proporcionam o executar da pesquisa, como máquinas fotográficas, cartolinas, lápis de cor, tintas, é legitimá-las como agentes, como participantes e como produtores de conhecimentos diversos sobre a realidade social em que vivenciam cotidianamente suas experiências. O encontro com este livro suscita o compromisso com a reflexão sobre os desafios próprios da pesquisa de campo com crianças e adolescentes, estimulando novos encontros etnográficos em diferentes tempos e espaços possíveis.